

Hegemonia e geopolítica: estrutura e conjuntura na disputa entre China e Estados Unidos¹**Hegemony and geopolitics: structure and conjuncture in the struggle between China and United States****Hegemonía y geopolítica: estructura y coyuntura en la disputa entre China y Estados Unidos**Gabriel Sandino de Castro²**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar os impactos do uso da política industrial na tensão entre Estados Unidos (EUA) e China. Argumentamos que tal uso configura-se, na verdade, como um instrumento geopolítico ou de modificação/manutenção da geopolítica mundial. Em paralelo, advogamos que, nessa fase atual, as disputas hegemônicas entre EUA e China, ocorrem, especialmente, no âmbito das redes de informação. Isso não significa, contudo, o resumo da tensão meramente nessa esfera. Na verdade, nossa proposta é levantar um dos inúmeros pontos dessa tensão que se desdobra de forma sistêmica e holística. Nosso recorte histórico parte dos recentes acontecimentos da história global. Os episódios da quadra histórica atual contribuíram com o acirramento da disputa entre os dois países, tornando-se, também, tema importante nos assuntos de política externa nas eleições presidenciais americanas.

Palavras-chave: Disputas hegemônicas. Estados Unidos e China. Relações Econômicas Internacionais.

ABSTRACT

This article aims to analyze the impacts of the use of industrial policy on the tension between the United States (USA) and China. We argue that such use is actually configured as a geopolitical or modification/maintenance instrument of world geopolitics. In parallel, we advocate that, in this current phase, hegemonic disputes between the US and China occur, especially, in the scope of information networks. This does not mean, however, the summary of tension merely in this sphere. In fact, our proposal is to raise one of the numerous points of this tension that unfolds in a systemic and holistic way. Our historical clipping starts from recent events in global history. The episodes of the current historical square contributed to the intensification of the dispute between the two countries, also becoming an important theme in foreign policy matters in the American presidential elections.

Keywords: Hegemonic disputes. United States and China. International Economic Relations.

RESUMÉN

Este artículo tiene como objetivo analizar los impactos del uso de la política industrial sobre la tensión entre Estados Unidos (EE. UU.) Y China. Sostenemos que tal uso se configura en realidad como un instrumento geopolítico o para modificar / mantener la geopolítica mundial. Paralelamente, defendemos que, en esta fase actual, se produzcan disputas hegemónicas entre EE.UU. y China, especialmente, en el ámbito de las redes de información. Esto no significa, sin embargo, el resumen de la tensión meramente en este ámbito. De hecho, nuestra propuesta es plantear uno de los numerosos puntos de esta tensión que se despliega de forma sistémica y holística. Nuestro recorte histórico comienza con eventos recientes en la historia global. Los episodios de la actual plaza histórica contribuyeron a agudizar la disputa entre los dos países, convirtiéndose también en un tema importante en materia de política exterior en las elecciones presidenciales estadounidenses.

Palabras clave: disputas hegemónicas. Estados Unidos y China. Relaciones Económicas Internacionales.

INTRODUÇÃO

A tensão entre Estados Unidos (EUA) e China não se inicia no nascimento desta década. Tampouco, também, exista qualquer literatura especializada que indique o fim dessa disputa em um horizonte visível. É possível utilizar a expressão de “tensão” no singular ou de “disputas”, no plural. Isso porque quando nos referimos à primeira, tratamos da mesma a partir de um conjunto de variáveis que se influenciam mutuamente, de forma sistema. Dessa forma, tanto a primeira expressão quanto a segunda será utilizada aqui, partindo dessa concepção. Nosso artigo se divide em seis partes, desconsiderando a presente introdução. Na primeira, trataremos da distinção analítica do nosso tema de pesquisa nesse artigo, ou seja, da separação entre conjuntura e estrutura.

Na segunda, discutiremos de como se desenvolve essa conjuntura, destacando as redes de informação como um dos elementos centrais no entendimento da mesma. Na terceira, destacaremos o modo como a política industrial direciona, em bases materiais, as disputas hegemônicas via redes de informação. De um lado, na perspectiva norte-americana de contenção da China. Por outro, da resposta do governo chinês dentro desse contexto. Na quarta parte, encerraremos o presente artigo com as considerações finais, enfatizando os principais pontos do nosso trabalho.

ESTADOS UNIDOS, CHINA E AS DISPUTAS HEGEMÔNICAS: ENFOQUE ESTRUTURAL E CONJUNTURAL

A disputa entre EUA e China não é apenas mais um episódio da história das relações internacionais. Isso porque a mesma responde tanto à estrutura do capitalismo quanto à fase conjuntural atual do mesmo. No âmbito estrutural, várias análises dão conta das transformações do capitalismo global modificam as dinâmicas do sistema internacional. Responsabilizando, por vezes, o próprio desenvolvimento do capitalismo e suas contradições (WALLERSTEIN, 2004; ARRIGHI, 1997). Por outro lado, existem, também, aqueles que negligenciam, em maior grau, as contradições desse sistema econômico (GILPIN, 2001; KEOHANE, 1984) delimitando tal estrutura a um nível político estatocêntrico ou às virtudes dos agentes econômicos privados.

Do ponto de vista estrutural, não nos parece que houve mudanças significativas no modo de produção capitalista forjado, modernamente, pelo fordismo desde o fim da

segunda guerra mundial. Nesse tempo, passaram os chamados “anos dourados” do capitalismo sob a figura do *welfare state* como o grande remédio para equacionar a miséria. Na década de 1970, esse remédio deixa de existir como horizonte para a solução dos problemas intrínsecos do capitalismo, resumindo-se em algumas ilhas no oceano da acumulação irrestrita de capital. Em seu lugar, ocupa-se o Estado neoliberal, sob o argumento da eficiência, da garantia da liberdade individual e do controle dos gastos públicos e, mais ainda, da ordem social. Com o fim da União Soviética, novos atores emergiram no cenário mundial, sendo a China, o principal ator antagônico à hegemonia americana nessa quadra histórica.

Com efeito, a eclosão do modelo neoliberal em nível internacional acompanhou o debate sobre o fim da hegemonia dos Estados Unidos, como se o fim do *welfare State* e o custo de financiamento a esses Estados pelos norte-americanos, os custasse a liderança global. No entanto, é preciso argumentar que as relações com o trabalho e com a produção resultados do fordismo ainda não foram superadas (PASSOS, 2019). Ora, o exercício da hegemonia requer diversas variáveis, que não se resumem aos instrumentos meramente políticos ou econômicos. É, na verdade, o conjunto de diversos elementos, para além desses mencionados, como a cultura e a ideologia. A história é lembrada por determinados episódios, porém, os processos históricos não são resultados desses episódios, e sim os geradores dos mesmos. Em outras palavras, não foi o fim da segunda guerra mundial que condicionou a hegemonia norte-americana, mas a reformulação dos processos produtivos e do trabalho oriundos do modelo fordista, e disseminados no mundo ocidental.

Atualmente, não é possível observar a superação do desenho desse conjunto sistêmico de relações sociais, mas a incorporação de novos elementos e técnicas a luz da nova realidade atual. Nesse sentido, é oportuno considerar que os recentes acontecimentos e modificações nas relações internacionais não se tratam de uma reconfiguração estrutural do sistema capitalista, e sim o delineamento de novos contornos da conjuntura internacional (PASSOS, 2020). Portanto, a disputa entre EUA e China, com possibilidades de transformações estruturais, manifesta-se no âmbito conjuntural, uma vez que não parece ser o caso de um questionamento a esse conjunto sistêmico de relações sociais, dos pontos abordados acima. Por complemento, citam-se os arranjos das instituições da ordem mundial liberal, da existência do sistema monetário internacional pautado no dólar, da agenda de segurança norte-americana, dos padrões de aceitação social e concepção de

mundo.

A CONJUNTURA QUE SE REVELA: OS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Não obstante, o presente artigo trata-se da análise conjuntural. Além disso, não iremos, aqui, abordar os diversos fatores que estimulam e reforçam a tensão entre EUA e China. Enfatizaremos o papel da política industrial como uma ferramenta do exercício da hegemonia, da construção de arranjos da geopolítica e como peça-chave na construção das redes de informação. Inclusive, na atual quadra histórica, além das conhecidas esferas econômicas, políticas e culturais, os embates hegemônicos ocorrem no âmbito tecnológico-informacional. Por mais que não seja um fenômeno essencialmente novo, a atual forma de expressão sim. Isso porque a integração das sociedades em rede, o surgimento das redes sociais, aplicativos, acesso à internet, possibilitaram novas agendas na segurança internacional, na manipulação de dados, informações.

A POLÍTICA INDUSTRIAL NA ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA DE CONTENÇÃO À CHINA

Mesmo os mais otimistas quanto à possibilidade de superação dos Estados Unidos pela China, ainda não advogam que tal fenômeno ocorrerá em breve. Entretanto, isso não significa negligência por parte dos norte-americanos com os chineses. Não obstante, é preciso compreender que a forma como cada um desses Estados se inserem nas sociedades em rede, vem das suas próprias formações iniciais. Como apontam Pires e Mattos (2018), a percepção de mundo dos EUA fundamenta-se na liderança nata da sociedade americana em criar, manter e modificar a ordem internacional liberal através das instituições, tratados e acordos internacionais. Em outros termos, os norte-americanos se percebem como condenados e portadores da missão de disseminar seus valores e liderar a comunidade internacional. “Na perspectiva dos Estados Unidos, prevalece a noção de um “Destino Manifesto” – *Manifest Destiny*, uma visão missionária de cunho religioso sobre seu papel na ordem mundial” (PIRES e MATTOS, 2018, p. 556) Portanto, se enxergam sob condição de excepcionais, únicos, dentre o conjunto de Estados. Nas palavras dos autores (p. 576):

Do lado estadunidense, o caráter excepcional se baseia, em última instância, na perspectiva messiânica de um povo eleito que é dotado de

uma virtude especial e que deve agir em nível internacional como portador de valores universais, como o seu modelo político democrático, a liberdade individual e a defesa dos direitos humanos. Ao se colocarem como a “*city upon the hill*”, os Estados Unidos assumiram o papel de país líder e farol de um paradigma que em sua visão tende a se espalhar por todo o planeta. No processo evolutivo da humanidade, nesta perspectiva, o modelo liberal-democrático seria o último estágio deste processo, tal como definiu Francis Fukuyama ao declarar o “fim da História” após o colapso soviético. Adicionalmente, a autopercepção estadunidense leva a sua sociedade a se considerar excepcional, primaz e única. Desde a sua ascensão como potência hegemônica, os Estados Unidos sempre se consideraram superiores aos outros países e, por conta disso, jamais aceitariam de bom grado dividir o protagonismo ou a se sentar em pé de igualdade numa mesa de negociações com outras potências.

Isso explica em grande parte, a posição dos norte-americanos com a China, a noção de excepcionalidade no sistema internacional não pode vir de outro Estado, mas apenas deles próprios. A estratégia de contenção à China, não é necessariamente uma estratégia *strictu sensu*, mas uma agenda de constrangimentos ao desenvolvimento chinês e a sua influência nas regiões do planeta, em especial na Ásia. Isso porque não se trata apenas da esfera internacional, uma vez que o domínio tecnológico nasce, sobretudo, nos horizontes nacionais. No caso observado, no âmbito informacional-tecnológico, a contenção se mostra em impedir, ou pelo menos em dificultar a disseminação da tecnologia 5G gerada na China. O domínio da China através do controle das redes de informação colocaria o país em uma nova condição de antagonista dos EUA. Nesse sentido, os outros condicionantes necessários para a construção de uma nova hegemonia no sistema internacional, um novo padrão de relacionamento social, estariam mais próximos de serem executados.

Em 2012, os norte-americanos iniciaram a construção da narrativa em resposta ao desenvolvimento chinês nesse segmento. Acusaram o país asiático de espionagem através da Huawei, que, segundo o governo americano, permitia lacunas nos seus aparelhos que permitiram o acesso do governo chinês a dados e informações sensíveis da sociedade americana (NEW YORK TIMES, 2012). Posteriormente, a China negou tal possibilidade. Os EUA não apresentaram provas nessa acusação.

Ao longo dos anos, os norte-americanos vêm mantendo essa narrativa. Recentemente, já no contexto da pandemia do covid-19, tal tensão aprofundou, especialmente nessa área. A Huawei vem com dificuldade em conquistar mercados devido às ações dos americanos em retaliação e ameaça a destruição da ordem liberal pelos chineses. Ao mesmo tempo, o próprio Estado americano dissolve parte desses valores na

prática, ao reforçar nos países do seu núcleo de influência o recrudescimento do nacionalismo e do ideário ocidental³. No entanto, tal equação não se resolve de modo unilateral, uma vez que grande parte das empresas de tecnologia, tanto europeias quanto americanas, também depende da tecnologia chinesa. Assim, temos um paradoxo: limitar a influência chinesa com o 5g limita, também, a expansão e o desenvolvimento das tecnologias nacionais americanas e europeias, uma vez que são interdependentes.

Tal paradoxo cria tensões inclusive do governo americano com as suas próprias empresas (WALL STREET JOURNAL, 2020). Até o presente momento, não nos parece claro a resolução dessa equação. Os Estados Unidos optaram por direcionar suas políticas industriais na ramificação dos setores, estimulando suas principais empresas ligadas aos aplicativos e smartphones e semicondutores a investir em outras áreas correlatas. Nesse sentido, as pressões ao governo americano diminuiriam dadas as novas linhas de financiamento e investimento⁴. Tal medida parece paliativa, uma vez, que não é possível manter o empresariado americano fora dos caminhos mais rentáveis do capital.

O PAPEL DA POLÍTICA INDUSTRIAL NA CHINA PARA ALÉM DO DESENVOLVIMENTO

No caso da China a política industrial nesse âmbito segue caminhos diferentes dos americanos. O governo chinês vem procurando equacionar a dependência da tecnologia do país com os demais núcleos tecnológicos globais, ou seja, uma política industrial de atuação sistêmica que garantira autossuficiência nesses pontos. Por conseguinte, a China vem atuando pesadamente em seu mercado interno, garantindo base de sustentação da sua produção, dado o contexto externo desfavorável (THE ECONOMIST, 2020)

Não parece ser o caminho o acirramento por parte dos chineses em dinamitar a hegemonia dos EUA por meio da disseminação de valores ou da reformulação do desenho das instituições internacionais. De fato, existe a excepcionalidade na percepção do chinês de si próprio. Mas, como observam Pires e Mattos, tão excepcionalidade advém de outros valores, mais voltados ao exemplo e o respeito à identidade dos povos. Partindo dessa perspectiva, o acirramento dessa tensão tende a ser mais pelas ações americanas do que pelas ações chinesas de questionamento ao ordenamento liberal da hegemonia americana.

DE TRUMP AO GOVERNO BIDEN: CONJUNTURA OCILANTE E ESTURTURA PERMANENTE

A economia política internacional atenta-se à disputa tecnológica e comercial entre China e Estados Unidos como o cenário de manifestação concreto das correlações de forças entre os dois países. No entanto, tal discussão deve ser entendida sobretudo no âmbito da agenda de segurança nacional, permeada pela hegemonia política construída pelos dois países. Acreditar que a formação de consensos e iniciativas hegemônicas estão circunscritas ao território americano e, ao mesmo tempo, reforçar o pensamento da política de não conflito da China, é contribuir com a caricatura de um contraste entre uma política externa ativa (Estados Unidos) e uma reativa (China).

No período Trump, a defesa da agressividade da política externa americana, passou, sobretudo, por um discurso de reação ao crescimento chinês no âmbito geopolítico mundial. Nos EUA, a conjuntura nacional se transformou. Saindo de uma perspectiva mais isolacionista, reforçada nos discursos do “American first” ou “Make America great again”, os norte-americanos, diminuem o potencial bélico contra a China, sob o ponto de vista discursivo. Importante salientar: no âmbito discursivo. A análise de política externa dos EUA demonstra que os alvos da diplomacia americana pouco se alteram entre governos republicanos e democratas. O que de fato muda é a percepção de certas alianças para o efetivo cumprimento em constranger tais alvos e, conseqüentemente, quais agendas a serem formuladas e implementadas para a construção da hegemonia no cenário mundial (MEAD, 2009).

Na prática, mantém-se o diagnóstico da identificação da China como o grande desafio americano nas próximas décadas. Reforçando o argumento de Mead, percebem-se os elementos em comuns dos principais Think Tanks norte-americanos sobre a China (PONTES, 2021). Enquanto na gestão Trump, a política externa americana foi influenciada pelas recomendações do Heritage Foundation, de linha mais conservadora, o governo Biden se mune com os trabalhos produzidos no Concil of Foreign Relations, de viés mais liberal. O primeiro, defende uma relação mais conflituosa com a China, enfatizando as disputas entre oriente e ocidente, reforçando a percepção de receio de uma nova ordem internacional adversa às democracias liberais com a emergência chinesa. O curioso é que o próprio governo Trump foi, em parte, responsável pelos movimentos de reformulação dos sistemas democráticos liberais, surgindo termos como “democracias iliberais”.

Já o Concil, advoga a criação de canais de diálogo com a China, reconstruindo as iniciativas institucionais da globalização pós- União Soviética. Nessa perspectiva, a

política externa não objetivaria o enfrentamento, mas o aprofundamento das relações entre os dois países. Tal aproximação visaria garantir a dependência chinesa da tecnologia e do comércio exterior americano. Dessa forma, um amplo investimento em setores estratégicos nacionais, somado à inserção da China nos organismos multilaterais comandados pelos Estados Unidos, possibilitaria ao governo norte-americano o sucesso da manutenção da hegemonia americana e da contenção Chinesa nas próximas décadas. Tais organismos deveriam ser, em destaque, os econômicos-financeiros, no intuito de impedir a internacionalização do renminbi e dos circuitos financeiros, onde o dólar vem perdendo espaço (CINTRA e PINTO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recentes acontecimentos vêm demonstrando a importância da política industrial no exercício da hegemonia via redes de informação. De um lado, a política industrial americana passa pela abertura de diversos segmentos no ramo da tecnologia, como forma de suavizar a relação de disputa/dependência das suas empresas nacionais com a China. No entanto, tal caminho não nos parece sustentável, uma vez que as disputas hegemônicas e as agendas de segurança internacional estão no desenvolvimento das relações sociais globais da internet. Em contrapartida, os americanos reforçam o discurso da ameaça chinesa no ocidente, constringe a inserção da China nesses mercados para que, posteriormente, tenham condições de competitividade ao 5G para além do tempo presente.

No caso da China, o país não parece disposto a acirrar o conflito com os EUA, enfatizando os valores institucionais nas relações internacionais que os próprios americanos forjaram, décadas atrás. Destarte, dado o paradoxo aqui apresentado, os chineses procuram sanar o mesmo, pela autossuficiência na produção de semicondutores de alta tecnologia. As restrições aos mercados externos, estimuladas pelos americanos condicionaram a China ao investimento interno, na consolidação do seu mercado nacional de modo propiciar a sustentabilidade do seu desenvolvimento econômico.

Talvez, a principal diferença entre as disputas de Estados Unidos e China, seja a forma nas quais essas vem ocorrendo e vão ocorrer, pelo menos em virtude das primeiras iniciativas do presidente Biden ao país: a hegemonia da pequena política nessa grande disputa.

Relembrando a análise de Nelson Coutinho, não parece que o discurso agressivo e um embate direto permeará o acirramento entre China e Estados Unidos. Tais embates

serão mais discretos aos olhos do público, com menos acusações formais aos chineses e mais o exercício de isolamento dos mesmos. Começando pela esfera geopolítica e geoeconômica, dificultar a relação de China e Taiwan, bem como a criação de rotas comerciais marítimas pelos chineses. Ainda na disputa geoeconômica, fortalecer o dólar e enfraquecer o remimbi, seja nas bolsas financeiras, seja nos projetos de financiamento nos países asiáticos que ocorrem nessa moeda. No âmbito político, reforçar as alianças mais amplas com os países que foram tangenciados na gestão Trump. Ao que parece, a agenda Biden de disputa com a China apresenta mais elementos de atuação do Estado Americano.

No caso da China, todos esses pontos aqui apresentados estão mais do que conhecidos e discutidos no governo. Tanto que é justamente por isso que a China, no centenário do Partido Comunista Chinês, destacou que a emergência da China no cenário internacional é irreversível (EL PAÍS, 2021). Na prática, procuram estabelecer independências nessas áreas estratégicas enfatizadas na agenda norte-americana. Dessa forma, cada episódio dessa disputa assemelha-se à um jogo de xadrez, onde cada rodada, estimula novas análises. O importante destacar é que a estrutura dessa disputa não se altera: significa a reinvenção de uma ordem internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.

CINTRA, Marcos ; PINTO, Eduardo Costa. . **China em transformação**: transição e estratégias de desenvolvimento. REVISTA DE ECONOMIA POLÍTICA (IMPRESSO), v. 37, p. 381-400, 2017.

COTUNHO, Carlos Nelson. A hegemonia da pequena política. In: Francisco de Oliveira; Ruy Braga; Cibele Rizek. **Hegemonia às avessas**: economia, política e cultura na era da servidão financeira. São Paulo: Boitempo, 2010.

EL PAÍS. **Em exibição de poder pelo centenário do Partido Comunista, Xi declara que**

ascensão da China é “irreversível”. 2021. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-01/em-exibicao-de-poder-pelo-centenario-do-partido-comunista-xi-declara-que-ascensao-da-china-e-irreversivel.html> > Acesso em 12 de Ago. 2021.

KEOHANE, Robert. **After Hegemony**: Cooperation and Discord in the World Political Economy. Princeton University Press. 1984

GILPIN, R. **The Global Political Economy**: Understanding Economic Order. Princeton: Princeton University Press, 2001.

MEAD, Walter. **Special Providence**: American Foreign Policy and How It Changed the World SPECIAL. New York: Routledge, 2009.

NEW YORK TIMES. U.S. **Panel Cites Risks in Chinese Equipment**. 2012. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2012/10/09/us/us-panel-calls-huawei-and-zte-national-security-threat.html> > Acesso em: 30 de Ago. 2020

O GLOBO. **Embaixador dos EUA alerta que se Brasil permitir chinesa Huawei no 5G enfrentará 'consequências'**. 2020. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/economia/embaixador-dos-eua-alerta-que-se-brasil-permitir-chinesa-huawei-no-5g-enfrentara-consequencias-24555785> > Acesso em: 30 de Ago. 2020

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. **A ascensão de Trump e da China e relações de força**. Praxis e hegemonia popular, v. 5, p. 39-56, 2020.

PASSOS, Rodrigo Duarte Fernandes dos. **Interregno hegemônico?** Uma avaliação sobre a hegemonia dos Estados Unidos a partir da análise das relações de força dos cadernos carcerários de Gramsci. Revista Novos Rumos, v. 56, p. 59-70, 2019.

PIRES, Marcos Cordeiro; MATTOS, THAIS. C. L. **A concepção de excepcionalidade na consciência social de Estados Unidos e China como elemento para a reflexão sobre disputas hegemônicas**. Brazilian Journal of International Relations, v. 7, p. 551-580, 2018.

PONTES, Rúbia. **Think Tanks estadunidenses e a China**: a crítica homogênea na administração Trump (2017-2020). Mural Internacional, Rio de Janeiro, Vol.12, e58701, 2021

THE ECONOMIST. **Xi Jinping is trying to remake the Chinese economy**. 2020. Disponível em: < <https://www.economist.com/briefing/2020/08/15/xi-jinping-is-trying-to-remake-the-chinese-economy> > Acesso em: 30 de Ago. 2020

WALLERSTEIN, Immanuel. **O declínio do poder americano**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

WSJ. **Qualcomm Lobbies U.S. to Sell Chips for Huawei 5G Phones**. 2020. Disponível em: < <https://www.wsj.com/articles/qualcomm-lobbies-u-s-to-sell-chips-for-huawei-5g-phones-11596888001> > Acesso em: 30 de Ago. 2020

Recebido em 21 de agosto de 2021

Aceito em 21 de setembro de 2021

Editado em novembro de 2021

¹ O presente artigo é uma versão estendida do trabalho intitulado “A política industrial como instrumento geopolítico: a tensão entre Estados Unidos e China no contexto da covid-19” apresentado na edição de 2020 do Seminário de Economia Industrial da Universidade Estadual Paulista .

² Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília).

³ No caso para o Brasil, o discurso é ainda mais agressivo por parte dos EUA (O GLOBO, 2020).

⁴ É oportuno considerar a configuração da política interna dos EUA, bem como o comportamento do eleitoral americano. Para maiores informações ver (PASSOS, 2020).